



## A JUSTIÇA DIVINA E A HIPOCRISIA SOCIAL: DIÁLOGOS ENTRE A *COMÉDIA*, DE DANTE ALIGHIERI, E “O PECADO”, DE LIMA BARRETO

Fernanda Caroline de Amadeu\*<sup>1</sup>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

e-mail: fernandacarolamadeu@gmail.com

Pedro Leites Junior\*<sup>2</sup>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

e-mail: pedroleitesjunior@gmail.com

**Resumo:** Este estudo estabelece uma comparação entre a *Comédia*, de Dante Alighieri, e o conto “O Pecado”, de Lima Barreto, explorando como ambas as obras abordam sistemas sociais e morais de suas épocas. Dante constrói uma alegoria complexa sobre o pós-vida, na qual as almas são organizadas e julgadas segundo a gravidade de seus pecados, refletindo os valores teológicos da Itália medieval. Em contrapartida, Lima Barreto desconstrói essa lógica ao apresentar uma narrativa marcada pelo racismo estrutural da sociedade brasileira do início do século XX. Em “O Pecado”, o protagonista é avaliado não por suas ações, mas pela cor de sua pele, sendo excluído da salvação divina. Barreto utiliza sua obra para criticar a hipocrisia de uma sociedade que, embora proclame ideais cristãos de igualdade, perpetua práticas discriminatórias. A análise incorpora as teorias de Stuart Hall e Frantz Fanon para contextualizar o papel da representação e da identidade nos sistemas de poder cultural. Enquanto Hall discute a construção do sujeito negro como “Outro”, Fanon enfatiza as consequências psicológicas dessa exclusão. Ao contrastar as obras de Dante e Barreto, o trabalho evidencia como ambos os autores, cada qual a seu modo, utilizam a ficção para questionar os sistemas morais, religiosos e sociais de seus tempos. Suas críticas, embora enraizadas em contextos distintos, mantêm relevância ao promover reflexões sobre justiça, igualdade e humanidade.

**Palavras-chave:** Dante Alighieri. Lima Barreto. *Comédia*. O Pecado. Preconceito racial.

### Divine justice and social hypocrisy: dialogues between the *Comedy*, by Dante Alighieri, and “The Sin”, by Lima Barreto

**Abstract:** This study establishes a comparison between the *Comedy* by Dante Alighieri and the short story “O Pecado” (“The Sin”) by Lima Barreto, exploring how both works address the social and moral systems of their respective eras. Dante constructs a complex allegory of the afterlife, in which souls are organized and judged according to the gravity of their sins, reflecting the theological values of medieval Italy. In contrast, Lima Barreto deconstructs this logic by presenting a narrative marked by the structural racism of early 20th-century Brazilian society. In “The Sin”, the protagonist is

<sup>1</sup> Mestranda em Letras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0357788223153592>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9324-2213>.

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0312276806206560>.



judged not by his actions but by the color of his skin, being excluded from divine salvation. Barreto uses his work to criticize the hypocrisy of a society that, while proclaiming Christian ideals of equality, perpetuates discriminatory practices. The analysis incorporates the theories of Stuart Hall and Frantz Fanon to contextualize the role of representation and identity within systems of cultural power. While Hall discusses the construction of the Black subject as the “Other,” Fanon emphasizes the psychological consequences of such exclusion. By contrasting the works of Dante and Barreto, the study shows how both authors, each in their own way, use fiction to question the moral, religious, and social systems of their times. Their critiques, though rooted in different historical contexts, remain relevant by fostering reflections on justice, equality, and humanity.

**Keywords:** Dante Alighieri. Lima Barreto. Comedy. The Sin. Racial prejudice.

## Introdução

Em meados do século XIV, Dante Alighieri publicou, pela primeira vez, a obra que viria a ser a sua grande obra-prima, a *Comédia*<sup>3</sup>. O poema épico dividido em três partes (*Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*) conta a história do personagem Dante, que, ao encontrar-se perdido em uma floresta e encurralado por três grandes feras, é convidado pelo poeta latino Virgílio, autor de *Eneida*, a uma longa e esclarecedora viagem aos três destinos do pós-vida, oferecendo reflexões sobre pecado, redenção e a busca pelo divino.

Na *Comédia*, Dante apresenta uma visão detalhada e simbólica do pós-vida, com destaque, quanto à sua repercussão no ideário coletivo ocidental, para a estrutura do inferno<sup>4</sup>. Conforme a disposição do poema, o inferno possui um formato cônico e é dividido em nove círculos. A cada círculo o espaço diminui, tornando o local cada vez mais apertado. Cada círculo do inferno é destinado a um pecado em ordem de gravidade e severidade de punição; ou seja, aqueles culpados de cometer um pecado de menor gravidade, de acordo com a visão de Dante, pagam em um nível superior do inferno. Quanto mais grave o pecado, mais profundo é o vale em que a alma paga por ele.

O primeiro círculo é o limbo, onde Dante e Virgílio encontram o barqueiro Caronte, que tem o dever de atravessar as almas dos mortos pelo rio Aqueronte. Esse espaço é destinado àqueles que não tiveram a oportunidade de escolher a Cristo, mas tiveram uma vida livre de pecados; portanto, vivem a vida que imaginaram existir após a morte. Virgílio,

<sup>3</sup> “Comédia” é, portanto, o verdadeiro título da obra que Giovanni Boccaccio chamou “divina” devido ao seu conteúdo religioso e por sentimento de admiração; e com este novo título passou aos pósteros, quando apareceu pela primeira vez na edição que Gabriele Giolito publicou em Veneza, em 1555 (Leoni, s.d., p. 9).

<sup>4</sup> Neste trabalho, optamos por diferenciar o uso dos termos “inferno”, “purgatório” e “paraíso” conforme o contexto em que aparecem. Quando empregados com iniciais minúsculas, referem-se aos conceitos tradicionais do imaginário cristão, como espaços de punição, purificação ou recompensa após a morte. Já com iniciais maiúsculas, *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*, designam especificamente as três partes que compõem a *Comédia*, de Dante Alighieri.



por exemplo, reside nesse círculo, que não faz parte do inferno propriamente dito, mas se encontra suspenso entre o mundo dos mortos e o paraíso, simbolizando a ausência de redenção divina para essas almas.

As punições começam apenas a partir do segundo círculo, dividindo-se por categoria e gravidade até chegar ao ponto mais baixo do inferno, o centro da terra, o lugar onde o próprio diabo está. Dante e Virgílio precisam passar por Lúcifer para sair do inferno e chegar ao purgatório.

O livro *Inferno* é o que se tornou mais famoso e é tido por muitos críticos literários como o mais importante entre os três livros que compõem a obra de Dante, dada a forma como moldou a perspectiva cristã, conforme defende Auerbach (1976, p. 172):

A obra de Dante tornou realidade a essência cristã-figural do homem e a destruiu na mesma realização; a poderosa moldura rompeu-se pela supremacia dos quadros que envolvia. As grosseiras desordens, em direção às quais levou o realismo farsesco dos mistérios, na Idade Média posterior, não são nem longinquamente tão perigosas para a manutenção de uma interpretação cristã-figural dos acontecimentos como o estilo elevado de um tal poeta, no qual os homens se vêem e se reconhecem a si próprios.

Pode-se dizer que desde a Idade Média forma-se um ideário mítico com contornos mais nítidos — e formas mais terríficas — no cerne do pensamento cristão, e um dos grandes responsáveis por esse conjunto de imagens é Dante Alighieri, como afirma Auerbach. É importante ressaltar que, nesse aspecto, Dante teve um papel de relevo para o cristianismo na medida em que representou de forma convincente a visão de mundo da época. Mais do que isso, Dante também questionou e reconfigurou os conceitos cristãos de culpa e redenção, oferecendo um retrato que transcende a Idade Média e se mantém relevante até os dias atuais.

Desde uma mirada antropológica, é praticamente ponto passífico afirmar que sempre houve uma curiosidade obscura do humano com relação àquilo que existe após a morte. Esse olhar para o transcendente — ou para o “sagrado”, como diria Mircea Eliade (2008) — é um dos fatores que podem mesmo ser utilizados para a definição do humano em distinção às demais espécies. A espécie humana tem dedicado grande parte de sua história a tentar explicar fenômenos, buscando uma explicação (ou explicações) para sua própria existência. Conforme Eliade (1972, p. 13), os mitos contam não somente a origem do “Mundo”, mas dos “acontecimentos primordiais” formadores do humano como ele é hoje:



“um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras”, porque “Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no ‘princípio’”.

Segundo essa linha de reflexão, para explicar tais dúvidas, ou dar conta das angústias existenciais humanas, organizando padrões simbólicos, morais e éticos, nasceram as inúmeras religiões, e é conhecido que mesmo as primeiras civilizações já buscavam explicações no plano espiritual. O âmbito da crença, do acreditar no que está além, naquilo que não se pode ver, no que não é bem entendido, está intimamente conectado ao sistema de valores e condutas do que se percebe no mundo do aqui e o agora, no universo do “profano”, de que trata Eliade (2008) – a vida material conforme a experiência sensível humana dá conta. Mais do que uma proposição do que há em plano sobrenatural, para um humano, religioso efetivamente ou inserido em uma comunidade atravessada por sistemas de crenças de base religiosa, o que está no âmbito do sagrado oferece sedimento para a forma de compreensão do mundo palpável e influencia as práticas cotidianas. Desta forma, é mais do que plausível que tudo aquilo que tenha relação com o divino, o espiritual, com assuntos relacionados à alma, desperte o interesse geral e instigue a curiosidade.

É nesse sentido que a influência da *Comédia* transcende sua época, tornando-se uma das mais importantes obras da literatura ocidental. Seu impacto não se restringe à literatura, mas se espalha pelas artes plásticas, filosofia e teologia, influenciando pensadores e artistas ao longo dos séculos. O simbolismo presente em sua obra reflete não apenas a crença medieval na justiça divina, mas também um profundo questionamento sobre a moralidade e a condição humana.

A busca por respostas sobre o pós-vida é um tema recorrente em diversas culturas e momentos históricos. Se o desejo ou necessidade de compreender a existência para além da vida terrena levou à criação de mitologias e doutrinas religiosas que tentam organizar o destino da alma após a morte, essa mesma curiosidade humana perpassa a literatura também na Modernidade, inclusive no Brasil do início do século XX, contexto em que Lima Barreto publicou “O Pecado”, um conto que, com humor ácido e profundo senso crítico, aborda questões relacionadas ao julgamento divino e às injustiças sociais de sua época.

“O Pecado” narra a história de uma alma que, ao chegar ao céu, é recebida por São Pedro, que inicialmente acredita que o “ex-vivo” era uma alma justa e merecedora de um lugar ao lado de Deus. No entanto, ao examinar melhor sua ficha, São Pedro percebe um



detalhe que anula todas as boas ações da personagem: trata-se de um homem negro, e, por esse motivo, não pode ser admitido no paraíso, mas sim enviado ao purgatório. Esse desfecho irônico expõe a hipocrisia de uma sociedade que, mesmo sob os princípios cristãos, perpetua a desigualdade racial e social.

Isto posto, a partir da próxima seção será analisada a forma como Dante e Barreto abordam o julgamento pós-morte e como essas diferenças refletem os sistemas de valores de suas respectivas épocas. Se Dante estrutura uma visão teológica do pós-vida baseada na moral cristã medieval, analisaremos se e em que medida Barreto agencia uma desconstrução dessa lógica ao expor as contradições de uma organização social que discrimina os seres humanos não pelas ações individuais, mas pela cor da pele. Essa comparação busca evidenciar como a literatura pode servir tanto para reafirmar (ou atualizar) quanto para questionar os dogmas de uma sociedade.

### **Paraíso Negado**

Lima Barreto foi um homem negro, nascido no Rio de Janeiro em 1881. Embora não se possa dizer que tenha vivido sob o regime da escravidão, ele nasceu em um país ainda profundamente estruturado por essa prática, cuja abolição oficial, como se sabe, só ocorreu em 1888. Atento às desigualdades sociais e raciais de seu tempo, o autor utilizava sua literatura como instrumento de denúncia, evidenciando as marcas persistentes de um passado colonial que continuava a produzir exclusões e violências no presente. Segundo Cuti (2015, p. 9),

com a variedade de temas e gêneros contidos em sua obra e pela maneira apaixonada com que escreveu, o autor nos deixou um amplo e pulsante painel da vida cotidiana de seu tempo, alcançando-nos com sua capacidade de revelar e problematizar questões perenes, universais — e aquelas para as quais o povo brasileiro ainda não conseguiu encontrar solução.

Ainda que o conjunto de sua obra privilegie ambientações do mundo terreno e cotidiano da época, como era próprio da estética realista, em “O Pecado”, a produção de Barreto se aproxima da de Dante no que diz respeito à temática religiosa da vida após a morte. Ambos usam seu trabalho como uma forma de crítica à sociedade em que viviam, embora suas visões de mundo fossem bastante diferentes. Em comum, ambos os autores



fazem representações simbólicas da condição humana a partir de experiências pessoais e coletivas, trazendo em seu texto um questionamento sobre o mundo no qual estão inseridos. Em uma abordagem comparativa mais geral das obras dos dois autores em questão, Possamai e Gaspari (2021) apontam para uma aproximação com relação a uma conexão estreita com a realidade imediata dos autores e um direcionamento à crítica social.

A dialética na literatura se concretiza pela abordagem de temas que aludem ao coletivo. Neste sentido, os dois escritores, cada qual no seu tempo, foram singulares por se expressarem imbuídos de criticidade. Cada qual expressando conceitos como inclusão e exclusão de acordo com suas percepções da realidade e do mundo no qual viviam, fazendo de suas vidas matéria para suas produções literárias. A arte que imita a vida ou a vida que imita a arte? Eis aí um dilema a ser decifrado (Possamai; Gaspari, 2021, p. 96).

Tanto Dante quanto Barreto fazem uma leitura ética e moral do mundo em que estão inseridos. Dante manifesta suas críticas a partir da representação de pecadores e suas punições, espelhando a corrupção da Igreja e da política que observava. Já Barreto transforma sua experiência de exclusão racial e social em uma crítica a um Brasil marcado pela desigualdade.

Em diálogo com a linha de reflexão de Possamai e Gaspari, na dialética entre o que se toma como a materialidade do real e aquilo que se constrói esteticamente, uma distinção clara entre as obras merece ser apontada: se há um direcionamento de Dante para a representação - crítica - da sociedade de sua época, as conjunturas sociais da Itália de então ficam em segundo plano quando se pensa no que permanece como fulcral para a formação do ideário cristão-figural de que trata Auerbach (1976). A penetração nas questões “obscuras” de que trata Eliade (2008) marcam a repercussão da obra de tal forma que os acontecimentos históricos e arranjos sociais passam paulatinamente a perder força, na leitura dos séculos seguintes. A criticidade da obra parece, efetivamente, estar mais restrita ao contexto imediato de sua repercussão, pois subjugada a um conjunto de valores - de matriz judaico-cristã - que, esses sim, são erigidos, ou reafirmados, ainda que contornos próprios.

Caminho distinto parece tomar Lima Barreto, na medida em que se inverte a relação pela ironia - e crítica - ao “divino” como chave de entendimento para a reflexão sobre o social. Em Dante, a sociedade está corrompida na medida em que as ações no plano mundano não concordam com os valores transcendentais, formadores daquela coletividade;





em Barreto, vale perguntar se esses valores transcendentais não estão também eles corrompidos - ou se não são mesmo o fruto - podre - de uma sociedade corrompida. A questão aqui se desdobra para a percepção de que o que se estabelece como transcendente figura como parte da materialidade do social. O aparente paradoxo dessa afirmação se apazigua, contudo, conforme entendemos a perspectiva realista da sociedade e vemos o “ideário cristão-figural” como construção discursiva, exercício de poder social. É nesse sentido que o conto barretiano causa certo estranhamento no leitor; segundo o que nos aponta a interpretação de Silva (2014), causa desconforto no leitor atento à injustiça de sua obra, já que escancara as atitudes do grupo detentor do poder.

Durante toda a *Comédia*, Dante inclui figuras históricas conhecidas no *Inferno*, *Purgatório* ou *Paraíso*, emitindo um juízo de valor sobre suas ações em vida e como tais ações teriam sido responsáveis por seu destino pós-morte. Tomemos como exemplo o Papa Nicolau III, que Dante (personagem) encontra na terceira vala do oitavo círculo infernal. O autor da *Comédia*, ao colocá-lo naquela parte do inferno, representa-o como um simoníaco, ou seja, um traficante de objetos sagrados.

Com isso, essa alma mais torceu os pés,  
e entre suspiros disse, em voz de pranto:  
'O que queres de mim, tu que me vês?

se saber quem eu sou te importa tanto  
que até aqui caminhaste, eu te direi:  
saibas que eu fui vestido do Grão Manto,

mas da Ursa, em verdade, me criei;  
por tanto a ursinhos procurar venturas,  
ouro lá, e a mim mesmo aqui embolsei. (Alighieri, 2019a, p. 135).<sup>5</sup>

Os simoníacos, na *Comédia*, são condenados a permanecerem enterrados de cabeça para baixo em buracos escavados nas rochas, com as pernas para fora e os pés em chamas. Esse castigo carrega um forte valor simbólico: representa a inversão da ordem espiritual que tais pecadores promoveram ao comercializarem bens sagrados, como indulgências, cargos e sacramentos, em troca de vantagens materiais. Ao subordinarem o espiritual ao mundano,

<sup>5</sup> Per che lo spirito tutti storse i piedi;/ poi, sospirando e con voce di pianto,/ mi disse: “Dunque che a me richiedi?/ Se di saper ch’i’ sia ti cal cotanto,/ che tu abbi però la ripa corsa,/ sappi ch’i fui vestito del gran manto;/ e veramente fui figliuol de l’orsa,/ cupido sí per avanzar li orsatti,/ che sú l’avere e qui me misi in borsa (Alighieri, 2019a, p. 135).



os simoníacos pervertem a hierarquia divina e a missão da Igreja, tornando-se, na visão de Dante, traidores da fé.

A presença de figuras como o Papa Nicolau III entre os condenados revela a contundente crítica de Dante à corrupção institucionalizada da Igreja, especialmente entre seus mais altos representantes. A questão aqui é especialmente relevante quando consideramos que a simonia desvela quão frágil ou problemática pode ser a conexão entre o divino e o mundano. Não sem razão era já combatida no Primeiro Concílio de Niceia, no ano de 325 - ou seja, cerca de um milênio antes da obra de Dante -, bem como fere o atual Código de Direito Canônico da Igreja Católica Apostólica Romana. Nesse sentido, Dante não apenas denuncia a simonia como pecado individual, mas também expõe as consequências estruturais de uma Igreja corrompida por interesses terrenos, o que reforça o teor político e teológico de sua obra.

Em contraste com Dante, que utilizou sua obra como uma forma de criticar o comportamento de figuras importantes de sua época, colocando-as em sofrimento no inferno, Lima Barreto direciona sua crítica para uma esfera mais abrangente e estrutural. Na *Comédia*, o desvio individual (do sujeito ou da instituição) é subjugado a uma justiça divina, que apazigua o sentimento de injustiça social e agencia um direcionamento argumentativo que corrobora o ideário coletivo: há solução para as mazelas do mundo, ainda que em outro plano. Em “O Pecado”, contudo, a condenação não recai sobre as ações do personagem que está sendo julgado e aguarda uma decisão sobre seu destino final, mas sobre uma sociedade que perpetua desigualdades e preconceitos.

Acompanhado de dolorosos rangidos da mesa, o guarda-livros foi folheando o enorme Registro, até encontrar a página própria, onde com certo esforço achou a linha adequada e com o dedo afinal apontou o assentamento e leu alto:  
— Esquecia-me... Houve engano. É! Foi bom você falar. Essa alma é a de um negro. Vai para o purgatório (Barreto, 1924, p. 2-3).

Repare-se que, aqui, o “outro plano” reproduz as contradições do mundo terreno, como se fosse ou espelho ou extensão dele. Como consequência, o “desvio” do sujeito - isto é, “ser negro” -, dentro do mundo narrado, não depender de suas ações implica em colocar em questionamento o sentido teológico próprio da “justiça divina” conforme a concebe o ideário cristão e o corrobora a obra de Dante. Não obstante, o “ser negro” ocupar o parâmetro no julgamento em que estaria o expediente do “pecado” direciona a questão para





uma particularidade outra: essa sociedade de matriz judico-cristã concebe racialmente sua noção “correção” das coisas do mundo. Não cabe aqui resgatarmos as origens do judaísmo localizando-o em seus contatos e conflitos no universo de crenças e povos da região de seu surgimento, mas é importante registrar que está em seu cerne um componente de exclusão e enfrentamento do Outro.

As maneiras como pessoas negras, experiências negras, foram posicionadas e sujeitadas nos regimes dominantes de representação foram os efeitos de um exercício crítico de poder cultural e normalização. Não apenas, no sentido “orientalista” de Said, fomos construídos como diferentes e outros dentro das categorias de conhecimento do Ocidente por esses regimes. Eles tinham o poder de nos fazer ver e experimentar a nós mesmos como “Outro” (Hall, 1990, p. 255, tradução nossa).<sup>6</sup>

Esse registro é fundamental para considerarmos que a premissa da obra de Lima Barreto, em uma dimensão, parece inverter os valores do ideário cristão no que se refere a um acontecimento no plano divino poder ser “injusto”; mas, em outra dimensão, resgatar algo que já está nas escrituras tomadas como sagradas e na historicidade: tratar-se de um sistema de crenças arraigado à noção de que haja “um povo escolhido”, o que afiança práticas de guerras santas, perseguições religiosas e, em última análise, alguma forma do que hoje entendemos por racismo. O argumento de Hall é o de que a identidade negra foi construída dentro de um regime simbólico que vê como “outro” tudo o que é diferente da norma branca ocidental. Nessa lógica, o negro é colocado como um objeto, cuja existência é limitada e definida pela visão do homem branco.

Ora, essa construção do outro, no processo colonial, no sentido da Colonialidade do Ser de que nos fala Maldonado-Torres (2018), acaba por destituir as crenças outras dos povos da África de sua legitimidade e subjugar os corpos negros a um sistema religioso em que não estão, ontologicamente, nas mesmas condições de ligação com os “Entes Sobrenaturais” cristãos de que fala Eliade (2008).

Conforme Silva (2014, p. 3), o conto em questão “ultrapassa todas as fronteiras do subjetivo e cruza com a crítica cultural. Utiliza sua linguagem politizada como instrumento de cunho social que possui propósitos e objetivos concretos, em que o principal deles é

<sup>6</sup> The ways in which black people, black experiences, were positioned and subject-ed in the dominant regimes of representation were the effects of a critical exercise of cultural power and normalisation. Not only, in Said's “Orientalist” sense, were we constructed as different and other within the categories of knowledge of the West by those regimes. They had the power to make us see and experience ourselves as “Other” (Hall, 1990, p. 255).



mostrar que existe um outro ângulo da história”. É certo que, por meio de sua narrativa, Lima Barreto denuncia as injustiças sociais que se baseiam na cor da pele, evidenciando como um homem negro é tratado de forma marcadamente distinta em relação a um homem branco. Porém, sua obra não apenas expõe a hipocrisia moral de uma sociedade que se diz cristã, mas também questiona as próprias bases de um sistema que julga pela “aparência” - ou origem, traço étnico, marcador racial - em vez do caráter ou das ações do sujeito, considerando tanto a organização social em si como o conjunto de valores de base religiosa que a sedimenta. E ainda: incita a reflexão sobre como se concebe a noção de sujeito, de humano aqui, nessa sociedade e segundo esse sistema de crenças.

Essa reflexão ajuda a compreender que em “O Pecado” não se trata apenas de uma exclusão religiosa ou social, mas de um processo simbólico de desumanização. Assim como Hall (1990) argumenta, o personagem de Barreto não é visto como um indivíduo cujas boas ações estão sendo julgadas, mas como um corpo racializado. Esse processo, como aponta Hall, não apenas posiciona pessoas negras como diferentes, mas as faz vivenciar essa alteridade, um mecanismo que Barreto critica de forma incisiva ao denunciar as injustiças enfrentadas por seu personagem.

Dante Alighieri e Lima Barreto exploram, em suas obras, a temática da justiça e do julgamento sob perspectivas bastante distintas. Na *Comédia*, Dante estrutura um sistema de justiça teológico baseado na moral cristã medieval, no qual os indivíduos recebem punição ou recompensa de acordo com suas escolhas morais em vida. Cada pecado corresponde a uma punição proporcional, estabelecendo uma relação direta entre culpa e sofrimento. Nesse sentido, a obra dantesca reforça a crença na redenção como um processo que ocorre após a penitência e o arrependimento sincero. O purgatório, que aparece na obra barretiana, é, em Dante, o espaço intermediário onde as almas podem purificar-se e, enfim, atingir o paraíso.

Em contraste, Lima Barreto subverte essa lógica ao demonstrar como a justiça pode ser corrompida por sistemas de exclusão e preconceito. Não é detalhado, no conto, qual seria a configuração do purgatório, mas as camadas de sentido apreendidas do diálogo com Dante e com ideário cristão permitem arrazoar que se trate, de uma forma ou de outra, de um espaço intermediário entre paraíso e inferno. Se ali não se teria uma condição de condenação definitiva, mas de purgação, purificação do pecado, é plausível uma analogia à ideia de “limpeza”; Isso nos leva, evidentemente, à questões de eugenia, de branqueamento,



como se o “ser negro” fosse “estar sujo”. Destare, o sujeito negro, desumanizado, ou considerado um sujeito de “menor categoria”, para ascender ao paraíso, deve humanizar-se, limpando-se de alguma sujeira que a raça lhe atribui. É evidente que dada condição contradiz preceitos da religião católica, promovendo deslizamentos de conceitos e provocando reflexões sobre a intersecção entre sistema de crenças e organização social.

Comparemos a diferença de perspectiva entre Dante e Lima Barreto, tomando como exemplo o caso de Manfredo, filho e sucessor de Frederico II, rei da Sicília e da Apúlia, que se encontra pagando por seus pecados no purgatório. Por ter se arrependido no último momento antes de sua morte, ele deve esperar trinta vezes o tempo que viveu afastado da Lei Divina.

Certo é que quem morrer, da Santa Igreja  
em contumácia, e só ao fim penitente,  
há de aguardar nesta encosta o que almeja,

trinta vezes o tempo que, intemente,  
em vida transcorreu, salvo o prescrito  
por boa prece encurtar, que o complemento (Alighieri, 2019b, p. 30).<sup>7</sup>

Agora, vejamos o final do conto “O Pecado”, em que, antes de decidir o destino do personagem, São Pedro pega a lista daqueles que estão chegando naquele dia e se depara com a seguinte descrição:

P. L. C., filho de..., neto de..., bisneto de... – Carregador, quarenta e oito anos. Casado. Casto. Honesto. Caridoso. Pobre de espírito. Ignaro. Bom como São Francisco de Assis. Virtuoso como São Bernardo e meigo como o próprio Cristo. É um justo. Deveras, pensou o Santo Porteiro, é uma alma excepcional; com tão extraordinárias qualidades bem merecia assentar-se à direita do Eterno e lá ficar, *per saecula saeculorum*, gozando a glória perene de quem foi tantas vezes Santo... (Barreto, 1924, p. 2).

Como justificar que o destino de tal personagem, tão honesto, tão bom, tão justo, não seja ao lado de Deus, como sugere inicialmente o Santo? A justificativa vem em seguida, “Essa alma é a de um negro. Vai para o purgatório” (Barreto, 1924, p. 3).

A explicação para tal questionamento se dá porque, enquanto Dante apresenta a justiça como um conceito divino, para o qual Deus é o árbitro supremo, Barreto revela como

<sup>7</sup> Vero è che quale in contumacia more/ di Santa Chiesa, ancor ch'al fin si penta,/ star li conven da questa ripa in fore/ per ognun tempo ch'elli è stato, trenta,/ in sua presunzion, se tal decreto/ piú corto per buon prieghi non diventa (Alighieri, 2019b, p. 30).



os julgamentos humanos podem distorcer esses valores. Essa diferença fundamental entre as duas obras reflete não apenas os sistemas de crença dos autores, mas também os contextos históricos em que viveram. A *Comédia* é um reflexo da mentalidade medieval cristã, enquanto “O Pecado” denuncia as desigualdades estruturais da sociedade brasileira pós-escravocrata.

Em “O Pecado”, o “ex-vivo” é julgado não por suas ações, mas pela cor de sua pele, sendo considerado alguém indigno do céu por ser negro. Mais do que isso, sua presença ali pode ser responsável por corrompê-lo: “Dessa vez ao contrário de todo o sempre, São Pedro, antes de sair, leu de antemão a lista; e essa sua leitura foi útil, pois que se a não fizesse talvez, dali em diante, para o resto das idades — quem sabe? — o Céu ficasse de todo estragado” (Barreto, 1924, p. 2).

Tal julgamento ocorre na mesma narrativa em que um dos responsáveis por autorizar a entrada das almas no céu é descrito como “um velho jesuíta encanecido no tráfico de açúcar da América do Sul”. Essa constatação evidencia uma contradição contundente: um traficante de cana-de-açúcar, branco e português, é aceito no céu, enquanto uma alma justa, porém negra, é considerada indigna de adentrá-lo. Essa oposição expõe o racismo estrutural que atravessa não apenas o mundo terreno, mas também a construção simbólica do além — um além permeado pelos valores coloniais e eurocêntricos de sua época.

Lima Barreto, ao construir essa cena, tensiona de forma irônica e crítica os critérios de salvação e danação, denunciando o caráter seletivo e hipócrita da moral cristã institucionalizada, que se mostra conivente com a violência colonial, mas inflexível diante da humanidade de um sujeito negro. A partir desse contraste, o autor escancara as distorções éticas de uma sociedade que naturaliza o privilégio branco e relega à marginalização mesmo os sujeitos moralmente íntegros, caso não se encaixem no padrão racial hegemônico. Trata-se, portanto, de uma crítica mordaz ao imaginário religioso dominante, que perpetua hierarquias raciais até mesmo na promessa de redenção espiritual.

Em um contexto pós-abolicionista, no qual as promessas de igualdade e de inclusão não se concretizaram, pautadas por um discurso científico e intelectual que frequentemente reforçava e justificava tal exclusão, a obra de Barreto questiona não apenas as hierarquias sociais, mas também os discursos religiosos. Nas palavras de Silva (2014, p. 3),



Com abolição da escravatura no Brasil surgiram muitas discussões em torno da inclusão social do negro. Nesse contexto, muitos intelectuais e abolicionistas dividiam opiniões e tratavam esse tema como uma questão nacional. Observando esses debates Lima Barreto travou uma verdadeira “guerra” com as diversas correntes intelectuais da época, pois começou a problematizar questões raciais, questionando assim, ideários científicos estruturados e incontestáveis, em que muitos deles afirmavam a ideologia da inferioridade do negro em relação ao branco.

Repare-se que o que está em pauta aqui é como o racismo se erige no entrelaçamento entre uma estrutura econômica escravocrata e a adequação do valores de mundo de base cristã às necessidades dessa conjuntura social. Em outros termos, é a invenção desse sistema-mundo, da Modernidade-Colonialidade, nos termos de Maldonado-Torres (2018) e segundo as discussões no seio dos estudos coloniais, que torna possível a acepção aparentemente pacífica na sociedade - considerar sujeitos negros como não sujeitos - de uma acepção ontológica que a obra de Barreto escancara como contraditória - se somos diferentes no plano terreno, somos mesmo iguais perante a Deus?"; nesse sistema, seria plausível, como em Dante, uma oposição - ou mesmo separação - entre justiça humana e justiça divina? Nas palavras de Fanon:

A Igreja nas colônias é a Igreja do homem branco, a Igreja do estrangeiro. Ela não chama o colonizado aos caminhos de Deus, mas aos caminhos do homem branco, aos caminhos do senhor, aos caminhos do opressor. E como sabemos, nessa história muitos são chamados, mas poucos são escolhidos (Fanon, 2008, p. 71, tradução nossa).<sup>8</sup>

Ao afirmar que “a igreja não chama aos caminhos de Deus, mas aos caminhos do opressor”, Fanon reflete que o papel da igreja não era espiritualizar, mas disciplinar e submeter os colonizados aos modos do colonizador. Essa dinâmica dialoga com outro ponto das reflexões de Fanon (2008, p. 108), quando afirma: “Nenhuma chance me é oferecida. Sou sobredeterminado pelo exterior. Não sou escravo da 'ideia' que os outros fazem de mim, mas da minha aparição” (2008, p. 108).

O personagem de Barreto, assim como o sujeito negro descrito por Fanon, é reduzido a uma identidade construída externamente, segundo a qual a cor de sua pele se torna uma sentença de exclusão, independentemente de seus méritos ou valores. Ao afirmar

<sup>8</sup> The Church in the colonies is a white man's Church, a foreigners' Church. It does not call the colonized to the ways of God, but to the ways of the white man, to the ways of the master, the ways of the oppressor. And as we know, in this story many are called but few are chosen (Fanon, 2008, p. 71).



que “muitos são chamados, mas poucos são escolhidos”, Fanon evidencia a hipocrisia de uma religião que se diz igualitária, mas que na prática reforça estruturas racistas e colonialistas, privilegiando brancos e excluindo corpos racializados.

Em “O Pecado” Barreto questiona essa lógica, expondo a forma como a sociedade brasileira do início do século XX naturalizava a exclusão racial ao mesmo tempo que reforçava estruturas de privilégio que mantinham pessoas negras em posições de subalternidade. Assim, a obra se torna não apenas uma crítica ao racismo de sua época, mas também um convite à reflexão sobre as estruturas de poder que moldam as percepções de identidade e humanidade.

### Considerações Finais

As formas como Dante Alighieri e Lima Barreto abordam na *Comédia* e em “O Pecado” a justiça, a redenção e a exclusão reflete não apenas seus contextos históricos distintos, mas também as crenças e críticas sociais de cada autor. Enquanto Dante, inserido no pensamento medieval cristão, estrutura um sistema de punição e recompensa divina, Lima Barreto subverte essa lógica ao expor a hipocrisia de um julgamento baseado não em ações, mas em preconceitos raciais e sociais.

Na *Comédia*, Dante estabelece uma visão de justiça teológica, fundamentada na doutrina cristã. A estrutura do inferno, purgatório e paraíso reflete uma hierarquia de pecados e punições: cada alma recebe um destino correspondente às suas ações em vida. Essa concepção reforça a crença na justiça divina como um sistema infalível, no qual o julgamento é baseado em critérios morais absolutos.

Em contrapartida, Lima Barreto, em “O Pecado”, desmonta essa ideia de justiça imutável ao apresentar um protagonista cuja condenação não se dá por suas ações, mas pela cor de sua pele. Aqui, a “justiça” é tomada como instância de poder e conceito humanos, é tão falível e opressora como pode ser qualquer humano ou ato por ele praticado. A “justiça divina”, nessa conjuntura, aparece amalgamada à terrena, porque trata-se de um constructo humano, produto das relações de poder e de uma visão de mundo construída e imposta pelo colonizador/escravizador. O conto evidencia como a sociedade brasileira do início do século XX distorcia os princípios cristãos de igualdade e redenção, perpetuando um sistema de exclusão baseado no racismo estrutural. O fato de a alma do personagem ser julgada





como “indigna” não por suas ações, mas por seu pertencimento racial, questiona a legitimidade do conceito tradicional de justiça, isto é, concebido conforme os valores cristãos.

A redenção, em Dante, é um processo ligado ao arrependimento e à fé. No purgatório, as almas podem expiar seus pecados para alcançar a salvação, enquanto no inferno os condenados permanecem eternamente em sofrimento. Em Lima Barreto, entretanto, a redenção pelas ações em vida é negada por uma sociedade que não considera a dignidade do indivíduo, revelando uma hipocrisia institucionalizada que contradiz os valores cristãos que supostamente fundamentam essa moralidade. Seu destino, o purgatório, se tomado - aos modos de Dante - como um espaço de purificação, pressupõe uma ascensão condicionada à “limpeza” da negritude; se tomado como espaço intermediário entre paraíso e inferno mas sem possibilidade de subida ao paraíso, significa o eterno purgar daquele que nunca será branco, logo, nunca será digno; por extensão, jamais poderá ser admitido como humano.

Embora separados por séculos e contextos culturais, as obras de Dante Alighieri e Lima Barreto compartilham um fio condutor em sua crítica ao sistema de valores de suas épocas. Dante, na *Comédia*, separa o que seria a prática ou a corrupção dos valores na terra e aquilo que seriam os valores *per se*, manifestos no plano divino; evidencia um destino moralista após a morte, em que cada alma é enviada a um destino conforme suas escolhas em vida. O mundo terrenal poderia ser (ou parecer) injusto, mas a justiça divina o suplantaria. Lima Barreto, por outro lado, des(re)caracteriza essa lógica moralizante em “O Pecado”, evidenciando como a “simples” cor de pele pode demonstrar a corrupção/falibilidade da ideia de justiça divina em uma sociedade profundamente desigual.

Em sua obra, Dante constrói uma alegoria em que a punição surge como uma extensão lógica das ações humanas. A justiça, ainda que divina, opera segundo critérios que fazem sentido dentro da cosmologia cristã medieval e para a percepção humana - cabe ao ser humano segui-la em vida, segundo seu discernimento (ou, ao menos, sua “fé”). Já em “O Pecado”, Lima Barreto desmascara a hipocrisia desse mesmo sistema de valores. O “pecado” do protagonista não reside em suas ações ou omissões, mas em sua negritude — um traço que, para a sociedade e até para a visão alegórica apresentada, o exclui do paraíso.



Enquanto Dante, em sua obra, reflete os valores e as hierarquias de uma Itália medieval profundamente cristã, Barreto subverte o ideal cristão ao revelar a contradição entre os princípios de igualdade divina e a realidade excludente da sociedade brasileira pós-escravocrata. Dante e Lima Barreto dialogam indiretamente quando suas obras tratam do destino das almas. Na *Comédia*, as almas enfrentam a justiça divina com base no julgamento moral — as injustiças do plano terreno se ajustam no mundo do “sagrado” —, enquanto em “O Pecado” o julgamento não é divino, mas humano — circunscrito em sua dimensão “profana” —, refletindo o racismo estrutural que marca a sociedade brasileira. Enquanto Dante condena os simoníacos, os luxuriosos e os traidores, Barreto denuncia a condenação injusta de um homem cuja única “culpa” é ser negro.

Essa comparação permite compreender como a literatura pode tanto reafirmar dogmas religiosos quanto questionar sistemas de opressão. Enquanto Dante organiza o pós-vida com base em uma hierarquia teológica, Barreto expõe as falhas da sociedade ao transferir esse julgamento para o âmbito social e racial. Assim, ambas as obras dialogam ao explorarem definições e limites do conceito de justiça, mas sob perspectivas que revelam as contradições de suas épocas.

Essa diferença crucial revela como ambos os autores tratam o papel do julgamento: em Dante, o julgamento é teológico e fundamentado em valores transcendentais, mas em Barreto, é profundamente social e expõe os sistemas de exclusão que operam na terra. O desfecho irônico do conto expõe a hipocrisia de uma sociedade que, mesmo sob os princípios cristãos, perpetua a desigualdade racial e social. Assim, “O Pecado” emerge como uma crítica que desconstrói a universalidade moral pregada pela religião e corroborada pela obra de Dante, ao revelar que os “pecados” da sociedade são, em última análise, mais graves que os dos indivíduos.

## Referências

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia: Inferno**. Tradução de Italo Eugenio Mauro. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2019a.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia: Purgatório**. Tradução de Italo Eugenio Mauro. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2019b.

AUERBACH, Erich. **Mímesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. Tradução de George Bernard Sperber. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 148-173.



BARRETO, Lima. **O Pecado**. Belém: NEAD – Núcleo de Educação a Distância, Universidade da Amazônia, 1924. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

CUTI. **Lima Barreto** (Retratos do Brasil Negro). São Paulo: Selo Negro Edições, 2015.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. Preface by Jean-Paul Sartre; translated by Constance Farrington. New York: Grove Press, 1963.

HALL, Stuart. Cultural Identity and Diaspora. In: RUTHERFORD, Jonathan (Ed.). **Identity: Community, Culture, Difference**. London: Lawrence & Wishart, 1990. p. 222-237.

LEONI, G. D. Introdução ao estudo da *Divina Comédia*. In: ALIGHIERI, Dante, **A divina comédia**. São Paulo: Atena Editora, [s.d.] p. 9-26.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; GROFOGUEL, Ramon; Maldonado-Torres, Nelson (org). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Autêntica Editora, 2018.

POSSAMAI, Jackeline Maria Beber; GASPARI, Silvana de. **A arte que imita a vida**: a dialética da literatura como representação do real. Revista Ensaaios Literários, v. 6, n. 2, p. 93-104, 2021. Disponível em: <https://revistas.usp.br> Acesso em: 31 out. 2025.

SANTA SÉ. **Código de Direito Canônico**. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1983. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 27 nov. 2025.

SILVA, Priscila Cardoso de Oliveira. **Desvelando o racismo no conto “O pecado”, de Lima Barreto**. Belo Horizonte: Literafro – Portal da Literatura Afro-Brasileira, Universidade Federal de Minas Gerais, [2014]. Disponível em: <https://www.lettras.ufmg.br/>. Acesso em: 31 out. 2025.

